

Ministro assinará contratos

O ministro do Planejamento, Delfim Netto, viajará novamente para os Estados Unidos nos próximos dias, com o objetivo de participar da assinatura dos contratos de empréstimo com centenas de bancos credores que concordaram — após o aval do Fundo Monetário Internacional (FMI) — em fornecer o pacote de US\$ 6,5 bilhões de crédito ao Brasil, além da rolagem das amortizações de US\$ 5,5 bilhões e da manutenção das linhas de crédito comercial (US\$ 10 bilhões) e dos depósitos interbancários nas agências de bancos brasileiros no exterior no valor de US\$ 6,2 bilhões.

A presença de Delfim na solenidade de assinatura foi confirmada pelo próprio ministro, ao se despedir ontem à tarde do presidente do Banco Central do Estado de Nova Iorque, Anthony Solomon. O banqueiro foi homenageado com um almoço na Secretaria do Planejamento da Presidência da República, com a participação também do ministro interino da Fazenda, Mailson Ferreira Nóbrega, e dos presidentes do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e do Banco do Brasil, Oswaldo Colin. Não foi revelado o teor das conversas, mas sabe-se que o Federal Reserve, de Nova Iorque, chegou a mudar normas bancárias por causa dos atrasados brasileiros.

O banqueiro não quis comen-

tar a possibilidade de o Brasil ter que voltar ao mercado nos próximos meses, em busca de novos recursos para complementar o pacote de US\$ 11 bilhões a ser desbloqueado com a aprovação do FMI no dia anterior. "Isso é muito complicado, não posso fazer comentários nesta área agora", disse Anthony Solomon, após se despedir do ministro do Planejamento, de quem ouviu um "encontro você em Nova Iorque". Solomon comentou apenas a aprovação do acordo com o FMI e da renegociação com o Clube de Paris:

"Estou muito satisfeito com o fato de que ambos tenham dado certo, acho que isso vai ajudar muito daqui por diante", explicou o banqueiro, antes de entrar no carro para se dirigir ao Banco Central, onde se reuniu com Pastore. Ele não comentou a possibilidade de serem incluídos também os pagamentos de juros numa futura renegociação da dívida externa brasileira. Para não entrar no assunto considerado um verdadeiro tabu pelos banqueiros estrangeiros, ele respondeu: "Isto é muito complicado, também, para ser comentado rapidamente". Outro banqueiro que esteve em Brasília foi o vice-presidente da União de Bancos Suíços, Guido Hanselmann, que também se reuniu com o presidente do Banco Central.